

CRONOLOGIA
Antonio Candido**1918**

Nasce em 24 de julho, no Rio de Janeiro. Ainda criança, muda-se para Poços de Caldas (MG)

**1935**

Conclui o ensino secundário no Ginásio Estadual de São João da Boa Vista, no interior paulista

1937

Com a instauração do Estado Novo, milita em grupos de oposição ao regime ditatorial de Getúlio Vargas

1939

Ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e no curso de ciências sociais e filosofia da USP

1941

Estreia como crítico literário na revista "Clima", da qual é um dos fundadores

1942

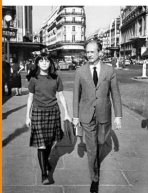
Torna-se docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Um ano depois, passa a colaborar como "Folha da Manhã", que daria origem à **Folha**

1954

Como livre-docente, defende na USP a tese "Os Parceiros do Rio Bonito", estudo sobre a sociedade caipira paulista. Pesquisa seria publicada em 1964

1959

Lança o livro "Formação da Literatura Brasileira", estudo crítico sobre os períodos árcade e romântico da literatura brasileira. É considerada sua obra mais influente

**1964**

Ministra aulas de literatura brasileira na Universidade de Paris (na foto, com a filha Laura). Em 1968, seria professor visitante na Universidade de Yale, nos Estados Unidos

1978

Aposenta-se como professor da USP, mas permanece ligado às atividades acadêmicas da universidade

1980

Ao lado de outros intelectuais, participa da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), em São Paulo

1998

Recebe o Prêmio Camões, considerado o mais importante da língua portuguesa

2005

Ganha o Prêmio Internacional Alfonso Reyes, destinado a escritores latino-americanos

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Antonio Candido em sua residência, na cidade de São Paulo



1918 ANTONIO CANDIDO

SÉRGIO RIZZO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Percorreu trajetória singular que o transformou em referência de independência de pensamento e de integridade moral para gerações

O crítico literário, ensaísta, professor e sociólogo Antonio Candido de Mello e Souza morreu na madrugada desta sexta-feira (12), aos 98 anos, no hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Candido estava internado desde sábado, depois de ter uma "crise gástrica", disse Laura Escorel, neta que mora com ele havia quatro anos. "Estamos em paz, ele esteve lúcido até o fim e não sofreu".

Neste sábado, o corpo será cremado em uma cerimônia reservada a familiares e amigos próximos. Ele deixou orientações para que suas cinzas sejam misturadas às de sua mulher, Gilda de Mello e Souza, morta em 2005. Depois, as cinzas do casal ficarão em um jardim.

TRAJETÓRIA SINGULAR

Em 1996, chamado a celebrar a memória do escritor, professor e crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977) em um evento da Universidade de São Paulo (USP), Antonio Candido disse que o amigo era dessas pessoas que "Deus faz e quebra a forma, pelo conjunto de qualidades interessantes e originais". A frase poderia ri-

chetear no espelho,aju-

dando a definir também seu próprio autor.

Como crítico literário (sua forma preferida de se apresentar), professor universitário, conferencista e intelectual de posições políticas assumidas em público com destemor, autor de livros, ensaios e artigos para a imprensa, Candido percorreu uma trajetória singular que o transformou em referência de independência de pensamento e de integridade moral para diversas gerações de alunos, discípulos, leitores e admiradores.

Nascido no Rio de Janeiro, em 24 de julho de 1918, Candido se mudou aos três anos para Santa Rita de Cássia (MG). Aprendeu as matérias do antigo primário com a mãe, Clarisse Tolentino de Mello e Souza.

Foi só aos 11 anos, quando passou a morar em Poços de Caldas (MG), que entrou na escola para fazer o antigo ginásio, concluído em São João da Boa Vista (SP).

Veu para São Paulo em 1936 e, nos dois anos seguintes, fez o curso complementar do extinto Colégio Universitário —espécie de escola preparatória— da USP.

Em 1939, ingressou na Faculdade de Direito da USP (que viria a abandonar no quinto ano, antes da conclusão) como espécie de compensação exigida pelo pai, o médico Aristides Candido de Mello e Souza, para que fizesse, conforme seu desejo, o curso de Ciências Sociais na antiga Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas —FFLCH).

Nessa unidade, assumiria em 1942 o cargo de professor-assistente de sociologia.

Tinha início uma carreira universitária brilhante. Em 1945, com a tese "Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero", tornou-se livre-docente em Literatura Brasileira na USP. Em 1954, recebeu

o título de doutor em Ciências Sociais com a tese "Os Parceiros do Rio Bonito". E, em 1960, assumiu o cargo de professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH. Aposentado da instituição em 1978, continuou a orientar dissertações e teses de pós-graduação.

Em 1958, Antonio Candido assumiu o cargo de professor de Teoria Literária na Faculdade de Filosofia de Assis, hoje pertencente à Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde passou dois anos. De 1976 a 1978, coordenou o Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). No exterior, lecionou na Universidade de Paris (1964-66), e na Universidade Yale, em 1968.

A carreira de crítico literário na imprensa teve início em 1943, quando começou a escrever para a "Folha da Manhã", publicação que deu origem à **Folha**. Ainda nos anos 1940, foi crítico do jornal "Diário de São Paulo". E, em 1956, fez o projeto do "Suplemento Literário" de "O Estado de S. Paulo", que ajudou a modernizar o jornalismo cultural brasileiro.

Em entrevista concedida em 2011, na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), falou sobre o período como crítico titular na "Folha

da Manhã": "eu tinha que fornecer toda semana um artigo de cinco a seis laudas datilografadas, 32 linhas e 70 toques sobre o livro do momento. Ocupava a parte de baixo, o rodapé, e tinha um nome fi-
o, meu chamava Notas de Crítica Literária".

Na mesma entrevista, questionado sobre novas tecnologias para a leitura, disse que este "era um mundo fechado" para ele. "Revelo aqui se vocês não contarem para ninguém, mas ainda escrevo a máquina. Sou um homem do passado, encailhado no passado. Não tenho computador, não tenho e-mail."

Candido foi um dos fundadores da lendária revista cultural "Clima", que publicou apenas 16 números, entre 1941 e 1944, mas revelou um grupo de intelectuais de atuação marcante no cenário cultural e universitário paulista: Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho e Gilda de Moraes Rocha, com quem Candido se casou em 1943, quando ela adotou o nome Gilda de Mello e Souza.

O casal teve três filhas: Laura, Ana Luisa e Marina.

MILITÂNCIA

A militância política de Candido começou ainda na juventude, como integrante

ANÁLISE

Refinamento de sua vida e obra anda em falta no debate político e intelectual

FLÁVIO MOURA
ESPECIAL PARA A FOLHA

Poucas vezes o clichê "fim de uma era" fez tanto sentido. Antonio Candido não foi apenas o maior crítico literário brasileiro, mas também o último representante da geração que produziu Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Drummond, entre tantos outros.

Sua contribuição teórica partilha de um momento em

que a vida intelectual comportava obras de síntese sobre o Brasil —no auge do nacional-desenvolvimentismo, a preocupação em dar lastro para o projeto de autonomia nacional estava por trás de seu trabalho mais importante, a "Formação da Literatura Brasileira" (1959).

Candido partilhava com Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda uma largueza de escopo que o pensamento social

brasileiro jamais voltou a igualar, aliando anseio por modernização e justiça social, densidade teórica e qualidade estética. Com Freyre e Sérgio Buarque, partilhava também o gosto pela forma do ensaio, incorporando o legado do modernismo numa escrita cristalina.

UNIVERSIDADE

Ele pautou boa parte dos temas ainda pesquisados na universidade e erigiu muitos de seus companheiros de geração em objeto de estudo, num movimento que contribuiu para a hegemonia de que o modernismo desfrutou nos estudos literários.

Traçou os limites da leitura do ensaísmo sobre o Bra-

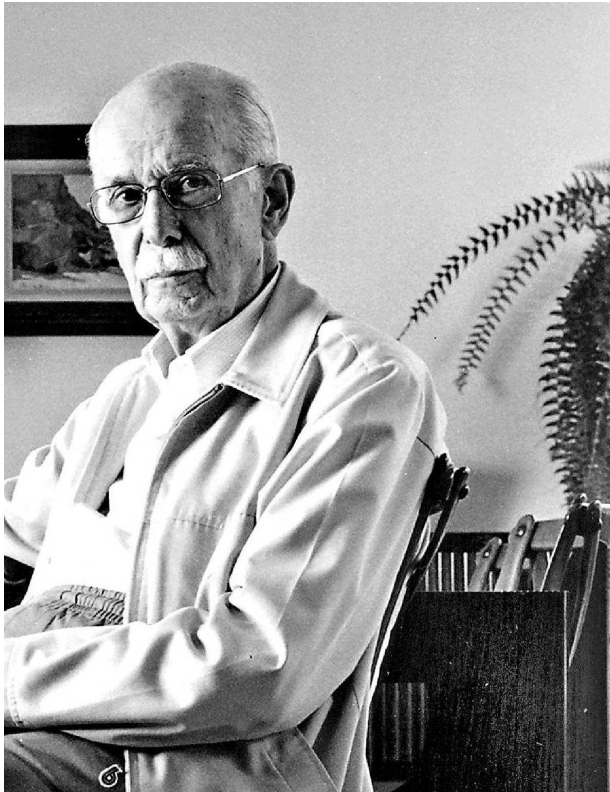
sil elegendando os intérpretes legítimos; seu ponto de vista está de tal modo impregnado no debate que já se naturalizou.

Para continuar no campo das analogias, Candido projetou sobre o campo da literatura uma sombra semelhante à de Oscar Niemeyer na arquitetura. Com a vantagem de não ter incorrido em obras irregulares no fim da carreira. E de uma militância política mais consistente, avessa ao stalinismo e ao socialismo real.

Candido guardava distância do oficialismo. Passava longe de agremiações como a Academia Brasileira de Letras, ambígua na sua composição que acolhe intelectu-



ANTONIO CANDIDO PROJETO SOBRE O CAMPO DA LITERATURA UMA SOMBRA SEMELHANTE À DE OSCAR NIEMEYER NA ARQUITETURA



Jean Estêves/12, Jan. 2007/Folhapress

ANÁLISE

Convicção socialista o uniu a Sérgio Buarque e Florestan Fernandes

Amigos, enfrentaram percalços na ditadura militar e se entrencharam na oposição durante o Estado Novo

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO
ESPECIAL PARA A FOLHA

Foram grandes amigos de Antonio Candido tanto Florestan Fernandes quanto Sérgio Buarque de Holanda, todos eles professores da Faculdade de Filosofia da USP, unidos pelas convicções socialistas.

A convivência passou por muitos percalços, como a perseguição da ditadura a Florestan, que foi expulso de seu cargo na Faculdade de Filosofia e obrigado a sair do país.

Quando da abertura política do final dos anos 1970, participaram conjuntamente de várias atividades. Mais tarde, Antonio Candido trabalharia para a candidatura, afinal vitoriosa, de Florestan a deputado federal pelo PT. Eleito e reeleito, este destacou-se por combativa atuação parlamentar, a par com discussões em artigos de jornal que escreveu sem cessar para a **Folha**, democratizando o debate.

Juntos compareceram e juntos discursaram na Semana Carlos Marighella, em que a Universidade Federal da Bahia celebrou a memória do revolucionário, em 1994.

O convívio substanci-

ou-se em trabalhos que Candido escreveria sobre o sociólogo, os quais, reunidos, renderiam um livro inteiro.

Dentre eles, destacam-se os discursos que pronunciou na inauguração de duas instituições que o homenageiam postumamente, adotando seu nome: a Biblioteca Central Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia da USP, e a Escola de Formação Florestan Fernandes, do MST.

Após perder o amigo, publicou "Lembrando Florestan Fernandes" (1996), dedicando-o a seus familiares. São nove textos, entre prefácios, artigos, depoimentos e discursos. Singelamente intitulado Florestan Fernandes, seria reeditado pela Fundação Perseu Abramo em 2001.

Buarque de Holanda foi outro dos grandes amigos de Antonio Candido. Pertencente à geração anterior, o historiador fora integrante do grupo modernista e, embora paulista, residia no Rio desde os tempos do curso de direito, só se mudando para São Paulo em 1946, para assumir a direção do Museu Paulista. Até então era mais conhecido como crítico literário militante, exer-

cendo o rodapé semanal em vários jornais importantes à época, e como autor de "Raízes do Brasil", que Candido prefaciaria por duas vezes.

Mas outras situações os uniram no passado, numa convergência de amizade e convicções políticas. Intelectuais de oposição e socialistas, ambos se aproximaram um do outro nos tempos da ditadura Vargas, em várias situações e agremiações. No decorrer da ditadura, ambos se entrencharam como impenitentes opositores.

Mas a postura de oposição podia adquirir dimensões insuportáveis. Sempre irreverente, Sérgio gostava de contar como foi abordado no viaduto do Chá por um membro da Tradição, Família e Propriedade, a qual na época efetuava verdadeiras razias para obtenção de assinaturas de apoio a seus negregados propósitos.

Ele assentiu solenemente, sungou os óculos para a testa, em gesto característico seu, e escreveu no livro um palavrão, saindo de fininho antes que o agradecido direitista percebesse a molecagem.

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO é professora emérita da USP (Universidade de São Paulo)

Fotos Reprodução

CANDIDO 2017

da Frente de Resistência contra a ditadura do Estado Novo. Em 1942, ele participou da criação do Grupo Radical de Ação Popular. Três anos depois, ajudou a fundar a União Democrática Socialista.

Em seguida, aderiu — ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, um de seus grandes amigos — à Esquerda Democrática, que daria origem em 1947 ao Partido Socialista Brasileiro, pelo qual Candido foi candidato a deputado estadual em 1950. Teve pouco mais de 500 votos.

Em 1966, ao voltar da temporada em Paris, manifestou seu apoio ao MDB. Em 1977, assinou o Manifesto dos Intelectuais, que pedia o fim da censura.

E, em 1980, participou da fundação do PT. "Confesso que por toda a minha vida, mesmo nos momentos mais agudos, nunca fui capaz de perder a preocupação com os fatores sociais e políticos, que obcecaram a minha geração como uma espécie de memento e quase de remorso", disse em entrevista à revista "Transformação", em 1975. Antonio Candido reunia, como se vê, "um conjunto de qualidades interessantes e originais".

Ele deixa três filhas, Laura de Mello e Souza, Ana Luísa Escorel e Marina de Mello e Souza, e netos.

ais sérios e beletristas sem importância, e de cargos políticos e administrativos, já oferecidos à larga a ele por diversos governos do PT, partido que ajudou a fundar.

POLARIZAÇÃO

Ele viveu o suficiente para assistir à polarização política que tomou conta do país — já prevejo comentadores afoitos apontando o dedo para suas relações com o PT, como fizeram com Chico Buarque. Alto lá. O refinamento que a obra e a vida de Antonio Candido representam é o que anda mais em falta no debate político e no ambiente intelectual brasileiro.

FLÁVIO MOURA, jornalista e doutor em sociologia pela USP, é editor da Todavia

PUBLICAÇÕES

Teses, ensaios e críticas marcam obra do autor



FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA (1959)

Estudo sobre as literaturas árabe e romântica, movimentos que o autor considera decisivos para a formação do que chama de sistema literário brasileiro. É a obra mais influente de Antonio Candido



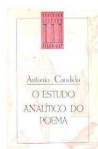
OS PARCEIROS DO RIO BONITO (1964)

Tese defendida na USP em 1954, livro faz estudo histórico, antropológico e sociológico sobre a figura do caipira paulista. Descreve relações sociais, rituais festivos e expansão da economia capitalista



VÁRIOS ESCRITOS (1970)

Ensaaios sobre a obra de escritores e ensaístas brasileiros. Entre os autores analisados, estão Machado de Assis, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Obra também traz perfil de Sérgio Buarque de Holanda



O ESTUDO ANALÍTICO DO POEMA (1993)

Escrito a partir de aulas de um curso de teoria literária ministrado por Candido em 1963, livro apresenta estudo analítico de poemas — como os de Manuel Bandeira —, desde as formas mais rigorosas às mais livres



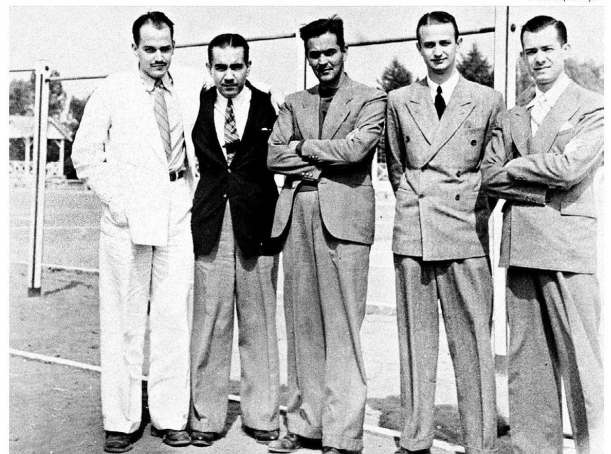
INICIAÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA (1997)

Resumo da formação da literatura brasileira, desde o século 16 até a atualidade. Em perspectiva panorâmica, é um estudo do percurso das letras nacionais, das primeiras manifestações até sua consolidação



TEXTOS DE INTERVENÇÃO (2002)

Editado com estudo bibliográfico, reúne seleção de produção crítica do autor desde o início dos anos 1940. Livro traz textos menos conhecidos de Candido, incluindo críticas, entrevistas e discursos do autor no Brasil e no exterior



Da esquerda para a direita, Paulo Emílio Sales Gomes, Erico Veríssimo, Décio de Almeida Prado, Lauro de Souza Lima e Antonio Candido em imagem do arquivo pessoal de Décio

Socialista democrático, Candido participou da fundação do PT

ANTONIO MAMMI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Antonio Candido nunca foi o estereótipo de intelectual que se fechava em sua sala para pensar o país. Além da profícua produção acadêmica, teve atuação política destacada no campo da esquerda.

O início da sua militância foi marcado pela oposição ao Estado Novo (1937-45). Participou da criação da ala radical da Ação Popular, movimento católico de esquerda e, em 1945, participou do 1º Congresso Nacional de Escritores, idealizado por Oswald de Andrade e Jorge Amado para contestar o regime varguista.

Ingressou na política partidária por meio da Esquerda Democrática, ala socialista da União Democrática Nacional (UDN) da qual surgiu o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Fiel a sua convicção socia-

lista democrática, segundo definição de André Singer, cientista político da USP e comunista da **Folha**, foi crítico do golpe de 1964 e opôs-se ao regime que se seguiu.

Durante o período militar, declarou apoio ao MDB. Não se considerava marxista: admirava regime cubano, o qual julgava a mais bem-acabada experiência do socialismo, mas era crítico dos regimes da China e da União Soviética.

Defendia políticas antidesigualdade econômica e discordava do conceito de vanguarda iluminada, ou seja, do protagonismo absoluto do partido em decisões nacionais.

Foi um dos expoentes do grupo de intelectuais que, em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, no qual se destacavam o crítico de arte Mário Pedrosa, o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda e o educador Paulo Freire.

Em "Antonio Candido: pensamento e militância" (ed. Humanitas), Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da República nos dois mandatos de Lula (2003-11), afirma que, embora tenha servido de inspiração para o espírito da sigla, Candido negava ter sido influência decisiva na formulação da doutrina do PT e afirmava nunca ter participado de seu processo decisório.

Para Singer, no entanto, a minimização da própria importância na criação do PT se devia ao seu caráter discreto. "Ele influenciou diretamente o partido no caminho do socialismo democrático. Suas ideias tiveram grande impacto sobre pensadores como o professor Francisco Weffort, primeiro secretário-geral da história do PT."

A partir de 2002, após a eleição de Lula, Candido deixou a militância política.

REPERCUSSÃO

Marina de Mello e Souza, filha de Candido
 “Acho que é o momento de pensar que já tivemos gente muito boa neste país, que trabalhou para construir um país democrático, de pensamento igualitário, onde as pessoas eram íntegras e generosas, que pensavam no bem comum. Ele era uma pessoa que pensava no bem comum acima de tudo, e nesse momento em que a gente vive, não só no país como no mundo, uma situação de extremo retrocesso e de valores e bens que são muito diferentes do humanismo, ele era um humanista acima de tudo.”

Chico Buarque, músico
 “Intelectual de imensa cultura, homem tão sério quanto engraçadíssimo, Antonio Candido foi o melhor amigo dos meus pais e presença marcante na minha infância.”

Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente
 “Perdemos um ser humano excepcional, que dedicou sua vida à cultura, à democracia e à justiça social. E o fez com excelência em todos os campos. Foi um corajoso adversário de qualquer tipo de autoritarismo e já nos anos 1940 fundou a União Democrática Socialista. Lutou contra a ditadura militar e durante toda sua vida se manteve fiel aos ideais da esquerda democrática. Não foi apenas fundador do PT, foi militante cotidiano do partido, um petista sempre presente no bom combate em defesa do desenvolvimento nacional. Participou da elaboração de programas de governo, viajou o país e teve uma importantíssima atuação em favor da transformação social e do direito dos trabalhadores.”

Roberto Schwarz, crítico literário
 “É uma perda enorme, que nos deixa mais sós. A inteligência, a retidão, a dedicação ao estudo e à vida de professor, bem como o compromisso com os oprimidos, fizeram de Antonio Candido algo como um santo moderno. Sei que ele, que era um intelectual perfeitamente ateu e tinha horror a qualquer espécie de culto à personalidade, ficaria furioso com essa caracterização. Mas penso que ela se aplica. O essencial de sua obra foi publicado há mais de 50 anos e conserva a força, além do frescor da escrita. ‘Formação da Literatura Brasileira’ tornou-se um modelo com virtualidades latino-americanas, africanas e talvez norte-americanas, ligadas a situações de descolonização. Os ensaios clássicos da ‘Dialética da Malandragem’ e sobre ‘O Cortiço’, em que a matéria brasileira é confrontada com formas e conceituações internacionais, estabeleceram um patamar novo em nossa crítica. Como tratam de romances sem projeção mundial, a sua posição de ponta não foi devidamente registrada. Com alguma sorte, o reconhecimento virá e eles farão parte das antologias da melhor crítica do século 20.”

ANÁLISE

Candido foi o último dos grandes intérpretes do país

Intelectual foi o pensador de uma literatura em tempos de indigência



O crítico na Festa Literária Internacional de Paraty em 2011

MANUEL DA COSTA PINTO
 COLUNISTA DA FOLHA

Crítico literário e sociólogo, professor universitário responsável por implantar o ensino de teoria literária na USP e formar mais de uma geração de críticos e teóricos, intelectual militante que sempre se declarou socialista, Antonio Candido publicou, em seus 98 anos, inúmeros ensaios reunidos em diferentes coletâneas, além de livros que abordam autores e temas específicos — como Graciliano Ramos (objeto dos textos publicados em “Ficção e Confissão”) ou as transformações da vida do caipira paulista (assunto de sua tese de doutorado “Os Parceiros do Rio Bonito”, de 1954).

Se fosse necessário, entretanto, eleger uma obra que condensasse seu pensamento crítico, não haveria dúvida: trata-se de “Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos”, estudo elaborado entre 1946 e 1957, publicado em dois volumes em 1959 e, após várias reedições, reunido num único tomo pela editora Ouro sobre Azul, em 2006.

Não é exagero algum dizer

que “Formação...” encerra o ciclo de grandes ensaios de interpretação do Brasil empreendido por Gilberto Freyre (“Casa Grande & Senzala”, 1933), Sérgio Buarque de Holanda (“Raízes do Brasil”, 1936), Caio Prado Jr. (“Formação do Brasil Contemporâneo”, 1942) e Celso Furtado (“Formação Econômica do Brasil”, 1959). A simples inclusão de Antonio Candido nesse rol de pensadores indica sua importância — com a recorrência do conceito de “formação”, nos títulos de duas dessas obras, sublinhando a mesma preocupação teórica. Mas há duas diferenças fundamentais.

A primeira, de caráter disciplinar e metodológico, é que seu ponto de vista não é culturalista (Freyre), sociológico (Buarque de Holanda) ou socioeconômico (Prado Jr., Furtado), mas literário. Antonio Candido examina os “momentos decisivos” — saber, arcaísmo e romantismo — em que a produção ficcional e poética brasileira se empenha no projeto de constituir uma literatura nacional.

A segunda diferença é que, enquanto seus pares pensavam a formação como

fenômeno incompleto, cuja organicidade só adviria com a superação da herança colonial e da dependência econômica, Candido deu essa formação por concluída já no século 19. Ao justapor um sistema literário orgânico e funcional a um substrato socioeconômico inorgânico e disfuncional, Candido deixou um rastro de possibilidades interpretativas que respondem às principais objeções feitas a “Formação...”.

Longe de ser um livro de caráter evolucionista, ou que pensa a literatura em termos de uma teleologia ou destinação, Candido evita justamente o anacronismo de considerar “nacional” aquilo que se passou, em termos históricos e de mentalidade, muito antes de que existisse uma ideia de nação.

Longe de conferir um significado fechado à obra literária, pacificando a leitura e neutralizando o papel perturbador da literatura (aquele “desassossego” da atividade crítica descrita em “Timidez do Romance”, do livro “A Educação pela Noite e Outros Ensaios”, de 1987), Antonio Candido elegeu como tema

de seus ensaios justamente aquelas obras que trazem uma “intuição da dinâmica social do Brasil” — uma intuição cuja eficácia está na “capacidade de criar formas pertinentes” (dirá ele em “O Direito à Literatura”, em “Vários Escritos”, de 1970), como a “dialética da ordem e da desordem” entrevista no romance “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manoel Antônio de Almeida (tema do ensaio “Dialética da Malandragem”, de “O Discurso e a Cidade”, 1993).

São escolhas de um crítico que identificou, em sua obra máxima, o sistema literário de um país que não realizou (e talvez nunca realize) a plena integração de suas partes — e que por isso melhor se expressa justamente nos livros e nos autores que incorporam essa precariedade e essa falta de organicidade. Último dos grandes intérpretes do Brasil, Antonio Candido foi o pensador de uma literatura em tempos de indigência — uma indigência que parece intrínseca e que ele não cansou de combater, em sua militância política e em sua militância universitária.

ANÁLISE

Dos 24 aos 26 anos, 96 colunas publicadas na ‘Folha da Manhã’ formaram o crítico

NELSON DE SÁ
 DE SÃO PAULO

Antonio Candido tinha 24 anos ao estreitar como crítico da “Folha da Manhã”, nome anterior desta **Folha**, em 7 de janeiro de 1943, meses depois de se formar e passar a dar aulas de ciências sociais, como assistente, na USP.

Por dois anos, sempre aos domingos, somando 96 textos, ele escreveu o rodapé “Notas de Crítica Literária”, que tomava quase metade da página, geralmente a cinco, uma antes dos editoriais.

Foi contratado como crítico titular, um representan-

te do jornal” para o ambiente literário, como descreveu.

Indicado pelo amigo Louvival Gomes Machado, crítico de arte, foi antes entrevistado por Hermínio Sacchetta, secretário de Redação e militante trotsquista histórico.

A “Folha da Manhã”, um dos cinco maiores diários do país, se destacou a partir daquele início de década por críticos como Mario de Andrade, num momento em que “O Estado de S. Paulo” passava por intervenção do Estado Novo. “Sacchetta deu sinal verde. Assim, me tornei aos 24 anos crítico de um jornal importante e me lancei na vida

intelectual em larga escala.” Além do rodapé, de dar aulas e de iniciar a sua tese sobre o crítico literário Silvio Romero, Candido editava com amigos um jornal clandestino, contra a ditadura do Estado Novo: “Quando penso no que fiz nesses anos eu não acredito”, dizia.

Foi um crítico militante. Contrapunha-se a Álvaro Lins, que fazia o rodapé do maior jornal do país, o “Correio da Manhã”, do Rio, e que era descrito por Carlos Drummond de Andrade como “o imperador da crítica brasileira”. Católico, Lins seguia a corrente crítica do essencialis-

mo, à qual Candido se opunha. Ele enfatizou a divergência ao comemorar um ano de rodapé, em 9 de janeiro de 1944: “Tenho procurado manter a atividade crítica ligada à vida do meu tempo. Contrariamente ao meu amigo Álvaro Lins, não me esforço por escrever a minha crítica numa ordem perene, comparando-a à criação. Combatendo o essencialismo do meu amigo, o que chama de essência de uma obra não passa da hipótese [equivoco de atribuir existência concreta a uma ficção] das suas condições.”

A coluna intitulada “Um ano” foi republicada em “Textos de Intervenção” (ed. 34, 2002). Outras saíram em diversos volumes, desde o primeiro livro de Candido, a coletânea de rodapés “Brigada Leigera” (Martins, 1945).

REPERCUSSÃO

Nuno Ramos, artista
 “Meu pai, que era um grande amigo do Antonio Candido e tinha uma admiração enorme por ele, morreu de um AVC súbito enquanto conversa com o Candido pelo telefone. Eu tinha 14 anos quando isso aconteceu e cresci sob essa admiração. Tenho a impressão de que ele era o último grande ensaísta do Brasil, da estirpe de um Caio Prado, de um Sérgio Buarque, de um Sérgio Buarque. Sempre achei impressionante que o Candido escrevia muito do ponto de vista da memória. Memória no sentido de fazer justiça ao tempo. Ele era uma espécie de justiceiro da cultura.”

Lygia Fagundes Telles, escritora
 “O Brasil perde o intelectual, o crítico, o escritor (excelente escritor!), o professor, o mestre. Em um momento tão duro como o que passamos, essa despedida é ainda mais triste. Eu perco o amigo, um grande amigo de toda a vida, de muitas parcerias, um amigo fiel e querido. Uma tristeza enorme sinto hoje.”

Leyla Perrone-Moisés, crítica literária
 “Antonio Candido foi e continua sendo um modelo para todos nós, pela sua vasta cultura, pela sua sensibilidade estética e por sua postura ética. Ele foi e continua esse modelo de crítico literário que todos nós temos em mente, marcou uma geração. Era um exemplo de civilidade. Restaram poucos como ele.”

José Miguel Wisnik, músico, compositor, ensaísta e professor
 “Inteligência esclarecida, pessoa admirável e encantadora, memória cristalina e vívida do século inteiro, iluminou o entendimento da literatura como um bem civilizatório.”

Augusto Massi, ensaísta, editor e professor
 “Como os grandes escritores, ele tinha essa disposição de conversar, de perguntar, de contar histórias. Fazia isso com desenvoltura, naturalidade e humor. Podia ser tanto numa conferência, num ensaio ou, de certa forma, como praticou no final da vida, conversando e recebendo amigos e alunos em seu apartamento. A geração de críticos que ele formou é impressionante. Ele não esmagou ninguém à sua volta, fez todo mundo encontrar uma dicção própria e pessoal: Davi Arrigucci, João Luiz Lafetá, Roberto Schwarz, Alfredo Bosi, Walnice Nogueira Galvão, entre tantos outros. É isso que eu chamo de espírito democrático: era alguém capaz de dialogar com os outros, fazer com que o outro leve adiante o seu trabalho. Foi um intelectual inclusivo. Ele tinha visão política agregadora. Num arco bastante amplo, soube manter relação com pessoas que pensavam diferente dele.”

Raduan Nassar, escritor
 “Espantosa sua lucidez”.